

DESAFIOS DE CIÊNCIAS HUMANAS NA LUTA PELA EMANCIPAÇÃO DE COLONIALIDADE DO PODER E DO SABER EM ÁFRICA

Mamadú Uri Jaló¹
Ricardo Ossagô De Carvalho²

RESUMO

O presente artigo parte de processo avaliativo de disciplina Sociologia Africana II de curso de Licenciatura plena em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a importância de estudos africanos no palco de produção de conhecimento, trazendo textos de autores discutidos durante as aulas. Os estudos africanos surgem com propósito de responder os discursos coloniais e racistas sobre o continente africano, e mostra que o continente africano é fundamental na produção de conhecimento, apesar de que a sua história foi apagada ou roubada por Ocidente. Para a realização deste trabalho, usou-se a pesquisa qualitativa, com a base na revisão bibliográfica, criou-se o diálogo com os textos discutidos e debatidos na disciplina durante o semestre, baseou-se nos discursos dos autores que pensam, refletem e divulgam o pensamento social africano. Os desafios de Ciências humanas são de proporcionar a valorização de produção endógena no continente africano e acabar com a história mal contada dos africanos no que diz respeito à civilização.

Palavras-chave: África; UNILAB; Guiné-Bissau; produção endógena.

UNILAB, Palmares, Discente, mamadujalo96@aluno.unilab.edu.br¹
UNILAB, Palmares, Docente, ciencia politicahoje@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

O Presente artigo parte de processo avaliativo de disciplina Sociologia Africana II de curso de Licenciatura plena em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), ministrado por docente, Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho. O presente artigo tem como objetivo demonstrar a importância de estudos africanos, através de produções endógenas, trazer discussões e análises de textos de autores debruçados durante as aulas desse semestre.

Os estudos africanos surgem com propósito de responder os discursos coloniais e racistas sobre o continente africano, e de mostrar que os africanos devem estar também no palco de disputa de produção de conhecimento, porque por muitos séculos, o continente africano sofreu com a invasão europeia, que eles chamam de descoberta de alguns países africanos ou por outras palavras a civilização de povos africanos, a história de produção de conhecimento por africano foi apagada e roubada por europeus, por isso, até alguns africanos reproduzem esses estereótipos criados por Ocidente, porque não têm acesso e oportunidade de lerem grandes obras de intelectuais africanos que têm como propósito a luta de decolonialidade de saber e do poder.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, usou-se a pesquisa qualitativa, com a base na revisão bibliográfica, criou-se o diálogo com os textos discutidos e debatidos na disciplina durante o semestre, baseou-se nos discursos dos autores que pensam, refletem e divulgam o pensamento social africano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vários países africanos ainda têm ainda um currículo colonizado, que não permite a valorização de conhecimento endógeno, estudam mais os autores eurocêntricos e racistas que tratam os africanos como povo sem a história. O autor Nkolo Foié (2013) no seu artigo, ele analisa diferentes pensamentos eurocêntricos de autores como: Kant, Hume, Voltaire, Montesquieu e Condorcet que trazem teorias que fundamentam a inferioridade africana, apagando a história ou civilização africana, para eles a África não tem história. Segundo Sarkozy ex- presidente da França (2007 apud Foié 2013) , ele afirma que:

O drama da África é que o homem africano não entrou totalmente na história. O camponês africano, que desde milhares de anos vive conforme as estações, cujo ideal de vida é estar em harmonia com a natureza, só conhece o eterno recomeço do tempo ritmado pela repetição sem fim dos mesmos gestos e das mesmas palavras. Nesse imaginário onde tudo recomeça sempre, não há lugar nem para a aventura humana, nem para a ideia de progresso. Nesse universo onde a natureza comanda tudo, o homem escapa à inquietude da história que inquieta o homem moderno. Mas o homem permanece imóvel no meio de uma ordem imutável, onde tudo parece ser escrito antes. Nunca ele se lança em direção ao futuro. Nunca não lhe vem à ideia de sair da repetição para se inventar um destino.

Quando esse discurso sai na boca de um dirigente europeu, isso nos chama ainda mais atenção sobre a continuidade de colonialismo europeu, mas noutra vertente que é colonialidade de saber e do poder.

Nessa visão de valorização de produção endógena , Kwesi Yankah (2016, p. 148) propõe seguinte:

As universidades africanas devem ser desafiadas a facilitarem o acesso do conhecimento local. Isto efetivamente eliminaria o possível surgimento de obras aparentemente pioneiras que, numa segunda olhada,

são simples plágios de dissertações de pós-graduação. Notavelmente, existem algumas iniciativas em andamento para facilitar o acesso ao conhecimento local. A Associação de Universidades Africanas começou um DATAD (Banco de Dados de Teses e Dissertações Africanas). A finalidade do DATAD é contribuir para a criação de capacidade em universidades africanas para a arrecadação, a gestão e divulgação de teses e dissertações eletronicamente. Ele também tentará facilitar o desenvolvimento de procedimentos e regulamentações relevantes de direitos autorais que promoverão a proteção de direitos de propriedade intelectual de pesquisadores de universidades africanas. A fase piloto deste projeto envolve 11 universidades africanas (Homepage da Associação de Universidades Africanas AAU - DATAD)

Vimos que várias produções feitas por estudantes africanos aqui na UNILAB, não são lidos nos seus países, essas grandes produções ficam somente no repositório desta universidade, apesar de que alguns egressos desta casa, que estão na Guiné-Bissau, tentam colocar as produções endógenas nas universidades privadas e públicas, mas é preciso uma reformulação no currículo, eles criam palestras, oficinas e minicursos de modo a formar os bons futuros quadros do país.

As universidades dos países parceiros da UNILAB poderiam incluir as produções feitas aqui, dos estudantes internacionais, colocar nas bibliotecas, de modo a permitir que os seus graduandos a ter acesso e oportunidade de desenvolver o senso crítico e valorização das suas culturas.

Vários de nós, quando chegamos aqui na UNILAB, entraram em choque, porque no primeiro semestre, conseguimos ter oportunidade e acesso as leituras de obras que nos ajudaram a descolonizar as nossas mentes, logo, percebemos que várias coisas que achávamos inútil no nosso país, eram coisas que nos diferenciavam dos outros, porque representam as nossas identidades.

Existem várias controvérsias sobre os estudos africanos, porque há estudos são feitos por não africanos, mas que falam sobre a África, e também há produções africanas na diáspora, como nós, que estudamos aqui no Brasil, produzimos sobre a África, mas no mundo fora, sobre essa discussão, Táiwò, (2016, pág. 1655) argumenta que:

é necessário reconhecer os estudos africanos como sendo um elemento integral dos modos de produção do conhecimento que caracterizam a maior parte do estudo e da pesquisa nos Estados Unidos e no Canadá, para situar de maneira precisa parte das controvérsias e peculiaridades contemporâneas que estão surgindo no campo. O fato de reconhecermos que apesar de os estudos africanos serem sobre a África e os africanos, eles não serem para os africanos, pelos africanos, ou perto dos africanos, é fundamental para desvendar os vários enigmas que os africanos enfrentam quando eles precisam trabalhar em temas africanos de dentro das estruturas materiais dos modos de produção do conhecimento americano e canadense. Se eu estiver certo, então algumas das soluções propostas para lidar com estes enigmas e dilemas não parecerão mais apropriadas, considerando-se a localização peculiarmente provincial dos estudos africanos e a origem dos seus fatores motivadores.

Várias produções sobre África são controladas, principalmente, quando são financiadas por agências que querem reproduzir os estereótipos sobre o continente africano, essas produções inventam coisas negativas sobre a África, isso faz com as pessoas que não têm acesso sobre as produções endógenas, continuam tendo a má imagem de continente africano.

É necessário lembrar que o continente sofreu invasão de Ocidente, Árabes, uma dominação que até hoje reflete muito na nossa forma de pensar, agir, se vestir, não é um processo fácil para descolonizar as mentes das pessoas africanas, essas dominações enfraqueceram as raízes culturais africanas, como relata Falola (2016, p.20)

Descobrimo-nos a nós mesmos, sem dúvida, e compreendemos uma coisa: nosso passado contém elementos de dominação e dano externos, ciclos de conquistas por forças árabes, forças ocidentais e forças

globalizantes. Intervenções estrangeiras ocorreram durante todo o curso de nosso passado, trazendo maldições e lançando as bases de nossos conflitos, nossa pobreza, nosso sofrimento. Assim como nos descobrimos a nós mesmos, também o fizemos quando outros desco briram nossos recursos e roubaram tudo sobre o que puseram a mão. Ao nos roubar, primitivizaram-nos. O colonialismo e o capitalismo não apenas nos privaram, mas nos diminuíram e nos emascularam. Tais le gados tornam-se parte da Africana que temos de desvelar. Já não nos confrontamos apenas com o descobrir, mas também com o defender nos e o revidar. Essas dominações estrangeiras que o continente africano sofreu, exerce uma influencia enorme hoje em dia na vida dos africanos.

As línguas estrangeiras são mais faladas do que as próprias línguas africanas, no próprio continente africano, há africanos que sabem falar francês, inglês, árabe, português e espanhol, mas que não sabem falar suas línguas. Mas isso não significa, não houve a resistência, porque ainda há algumas línguas que são muito faladas, como caso de fula, mandinga, na África ocidental, e Suali na África Central. Como caso da Guiné-Bissau, a língua guineense (crioulo) é mais falada do que a língua Portuguesa.

CONCLUSÕES

Os estudos africanos ainda precisam de engajamento de Estados africanos, de modo, a permitir que os africanos que estão em África, que tenham acesso e oportunidade de conhecer a si mesmo, através de leituras e debates de autores que trazem a valorização de produção endógena africana, que relatam sobre o nosso processo sócio histórico de produção de conhecimento. Mostrar que a oralidade, que parte da nossa tradição, faz parte de produções de conhecimento. O objetivo não é desvalorizar o conhecimento europeu, mas sim de demonstrar que o continente africano precisa também entrar no debate e no palco de produção de conhecimento. É mostrar ao mundo que há histórias falsas sobre o continente africano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao professor Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho por orientar a discussão e debates na disciplina de Sociologia Africana II, que nos comoveu bastante a enriquecer o nosso conhecimento sobre às produções endógenas do conhecimento dos africanos, e que resultou nesse artigo.

REFERÊNCIAS

- FALOLA, Toyin, NACIONALIZANDO A ÁFRICA, CULTURALIZANDO O OCIDENTE E REFORMULANDO AS HUMANIDADES NA ÁFRICA¹. Brasília : FUNAG, 2016.
- FOÉ, Nkolo. África em diálogo, África em autoquestionamento: universalismo ou provincialismo? “Acomodação de Atlanta” ou iniciativa histórica? Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 175-228, jan./mar. 2013. Editora UFPR
- TÁÍWÒ, Olúfêmi. O que são “estudos africanos”? Estudiosos africanos, africanistas e a produção do conhecimento. Em: LAUER, Helen; ANYIDOH, Kofi (organizadores) O resgate das ciências humanas e das humanidades através de perspectivas africanas - Brasília: FUNAG, 2016. 4 v. - (Coleção relações internacionais).
- YANKAH, Kwesi. A globalização e o acadêmico africano. O resgate das ciências sociais e humanas e das humanidades através de perspectivas africanas, Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, p. 135-161, 2016.



Não Ocupe
No Sua, Ocio
XI SEMANA
UNIVERSITÁRIA

**Diversidade,
Inclusão e
Transformação Social**